

Divulgação



Documentário de ficção se entrelaçam em 'A Queda do Céu', de Gabriela Carneiro da Cunha e Eryk Rocha

# A floresta reza

Gabriela Carneiro da Cunha e Eryk Rocha refletem sobre a cosmologia ianomâmi com 'A Queda do Céu', destaque latino na Quinzena de Cannes e premiado no Festival do Rio

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**P**rocesso de imersão na floresta, no coração do Amazonas, "A Queda do Céu" fincou raízes na Quinzena de Cineastas do Festival de Cannes, em sua primeira projeção mundial, em maio, e lá plantou sementes que, regadas a elogios da crítica internacional, hoje oxigenam o solo fértil da 48ª Mostra de São Paulo. Feito em esquema de colaboração com o povo indígena ia-

nomâmi, o transcendente experimento de Gabriela Carneiro da Cunha e Eryk Rocha foi agraciado há 15 dias com o troféu Redentor de Melhor Direção de Documentários no Festival do Rio 2024. Sua narrativa de tons ritualísticos segue o líder e xamã Davi Kopenawa enquanto ele batalha para devolver o equilíbrio à sua comunidade, entre rezas e aforismos filosóficos. Esta noite, plateias paulistanas vão conferir o fluxo de imagens colhidas por Gabriela e Eryk às 21h20, no Espaço Augusta 1. Tem uma projeção a mais amanhã, às

15h45, na Cinemateca Brasileira.

A exploração madeireira ilegal, a mineração de ouro e a mistura mortal de epidemias que as intrusões do garimpo e de outras práticas de depredação contra a selva são tematizados na plenária que Kopenawa cria numa forma de reza. A contundência de suas reflexões ampliou a adesão da Croisette à produção. O mesmo aconteceu no Rio, onde o longa ganhou ainda o prêmio de Melhor Som.

"Documentário e ficção se entrelaçam aqui numa mesma chave, numa encruzilhada, pois a linguagem dos Ianomâmi

não faz as distinções que fazemos. Ela entrelaça os saberes", disse Gabriela, uma atriz premiada que se aventurou a filmar o livro "A Queda do Céu", escrito por Kopenawa e Bruce Albert, após ser dragada pela leitura dele. Essa conversou com o Correio em Cannes. "Existe performatividade no Davi e no seu povo, que tem um compromisso com a beleza. Por isso o filme tem circularidade".

Seu companheiro, Eryk, foi premiado em Cannes em 2016 com a laurea Olho de Ouro pelo doc "Cinema Novo", no qual passava em revista a obra da geração responsável por modernizar o audiovisual no país – e da qual fazia parte seu pai, Glauber Rocha (1939-1981). O cineasta filmou "A Queda do Céu" com Gabriela contando com uma equipe enxuta, somando seis pessoas. O time chegou à fronteira com Roraima antes da pandemia. Registraram entre outras coisas a cerimônia do Reahu, uma espécie de despedida para a morte do sogro de Kopenawa.

"Esse projeto materializa o meu encontro de vida com a Gabi, ou seja, o teatro e o cinema. Só que materializa também o encontro do cinema da gente com o cinema sem câmera dos povos ianomâmis, que se faz de cantos e de danças", diz Eryk. "O grande problema do mundo hoje é que seguimos uma lógica grega, de base aristotélica, segundo a qual o homem está acima de tudo. A cosmologia dos ianomâmi não comporta hierarquias, nem separa natureza de cultura".

## O QUE VER NESTA SEGUNDA NA MOSTRA DE SP

POR RODRIGO FONSECA

Divulgação



**JULIE PERMANECE EM SILÊNCIO ("Julie Zwijgt"), de Leonardo van Diji (Bélgica):** O Festival de Cannes vibrou com esta trama sobre responsabilidade em tempo de cultura do cancelamento. Julie é a principal jogadora de uma academia de tênis profissional. Quando seu dedicado treinador se torna alvo de uma investigação e é repentinamente suspenso de suas atividades, todos os atletas do clube são incentivados a testemunhar sobre o caso, mas Julie decide ficar em silêncio. Onde: Espaço Augusta 4, 13h30

**MALÊS, de Antonio Pitanga (Brasil):** Quase 45 anos depois de seu primeiro exercício como realizador, um dos atores essenciais do Cinema Novo volta à direção filmando um enredo de Manuela Dias, que recria a Bahia em meados de 1830. Na ocasião, uma rebelião começou a ser arquitetada por africanos muçulmanos, chamados de malês. Após o fracasso da revolta, os manifestantes foram duramente punidos e a repressão contra as populações pretas no Brasil aumentou. Onde: Reserva Cultural 1, 21h40  
Vantoen Pereira Jr/Divulgação



Divulgação



**A HERANÇA, de João Cândido Zacharias (Brasil):** Nervosa incursão brasileira nas veredas do terror queer. É uma mistura de "O Estranho no Lago" (2013) com "O Inocentes" (1961). Seu protagonista, Thomas retorna ao Brasil após a morte de sua mãe e descobre ser o único herdeiro de uma avó que nunca chegou a conhecer. Curioso para se reconectar com a história da família, eles visitam a casa e Thomas é recebido por duas tias idosas que o tratam como um filho há muito perdido. Onde: Cinemateca Sala Grande Otelo, 14h